

ANÁLISE DE ARTIGOS CIENTÍFICOS DE HOSPITALIDADE DOS PESQUISADORES-DOCTORES BRASILEIROS REGISTRADOS NA PLATAFORMA LATTES (2018)

GRACE KELLY MARCELINO¹

0000-0001-8593-0044

LUIZ OCTAVIO DE LIMA CAMARGO²

0000-0002-2387-7214

Recebido em 24.01.2022

Aprovado em 31.10.2022

Resumo

Como o tema hospitalidade é tratado pelos pesquisadores brasileiros? Esta pesquisa teve como objetivo analisar a produção teórica sobre hospitalidade no Brasil. O material foi obtido na Plataforma Lattes de currículos e foram retidos para análise apenas os publicados por doutores em periódicos científicos. Foram utilizadas como metodologias o estado do conhecimento e a análise de conteúdo, com base em três categorias: senso comum, sociocultural e negócios. Os resultados mostraram que no Brasil, por meio das categorias selecionadas mostram uma abordagem da hospitalidade que não se restringe ao segmento hoteleiro-turístico, mas também não o ignora.

Palavras-chave: Hospitalidade. Doutores. Estado da Arte. Estado do Conhecimento. Análise de Conteúdo.

ANALYSIS OF SCIENTIFIC ARTICLES FROM HOSPITALITY OF RESEARCHERS-BRAZILIAN DOCTORS REGISTERED IN THE PLATAFORMA LATTES (2018)

Abstract

How is hospitality treated by Brazilian researchers? This documentary research aimed to analyze the theoretical production on hospitality in Brazil. The material was obtained from the Lattes Platform of curricula and only those published by doctors in scientific journals were retained for analysis. The state of knowledge and content analysis were used as methodologies, based on three categories: common sense, sociocultural and business. The results showed that in Brazil, through the selected categories, they show an approach to hospitality that is not restricted to the hotel-tourist segment, but also does not ignore it.

¹ Doutoranda e Mestre em Hospitalidade (UAM). Brasil. gkturismo@yahoo.com.br.

² Livre-Docente pela USP/EACH, doutor em Sciences de l'Éducation pela Univ.Sorbonne-Paris V. Brasil. octacam@uol.com.br.

Keywords: Hospitality. Doctors. State of the Art. Knowledge of State. Content Analysis.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Benveniste (1995), a palavra hospitalidade vem dos termos latinos *hostis* e *hospes*. *Hospes* primeiramente tem o sentido de senhor, aquele que tem a autoridade sobre o grupo familiar, o estado ou outro, termo que hoje se pode substituir pela palavra *anfitrião*, facilitando assim a compreensão e também por ser o termo utilizado para expressar o sujeito que recebe nos estudos de hospitalidade.

Hostis representa o hóspede, assim como é a raiz do termo *hostilidade*. Este termo sempre carregou significado duplo (*hóspede/inimigo*), em razão do contexto que cerca o estranho, o forasteiro, ou seja, este pode ser um estranho/estrangeiro amigável ou um inimigo.

Se todo encontro é cercado pela ameaça de conflito porque existe a diferença, em alguns casos desconhecida, estranha para ambos, então os componentes desse encontro (ações, gestos, palavras) serão o combustível para desencadeá-lo ou não.

A hospitalidade exige um ritual que permite que o encontro ocorra de modo a diminuir os fatores que possam desencadear o conflito entre os envolvidos. Ainda segundo Benveniste (1995) a palavra hospitalidade também tem enraizada em todos os idiomas a ideia de igualdade/ compensação (*hostire/aequare*) traduzindo a ideia de introduzir o estranho no grupo concedendo-lhe um estatuto de igualdade em relação aos demais.

Em Roma, o *hostis* tinha os mesmos direitos do cidadão romano, diferentemente do peregrino, que se instalava fora dos limites territoriais. Para Scott (2005, p. 15) a igualdade “não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração”.

Normalmente quando se consideram as diferenças, as circunstâncias incômodas se tornam mais toleráveis, a intensidade do conflito fica menor, embora sempre latente, pronto a explodir. Isso acontece porque há uma luta não declarada (inconsciente) pelo espaço, pois não se sabe quem é o outro, se quer lhe fazer mal. O *anfitrião* oferece, mas não o entrega totalmente. Há um ‘duelo’ surdo de desejo e poder entre os envolvidos.

O estranho/estrangeiro, procurando se impor, representa ameaça, se consegue, será aceito pelo grupo. Essa luta pode ocorrer de diversas formas, por meio do combate

físico, da pressão psicológica, de testes, a depender da cultura do grupo. O anfitrião, ao se perguntar sobre os méritos do estranho/estrangeiro que pede para ser seu hóspede, para ser por ele recebido, traz esta luta essencial para o plano simbólico.

Scott (2005, p. 14) afirma “que igualdade e diferença não são opostos, mas conceitos interdependentes que estão necessariamente em tensão”, ou seja, considera a dualidade na igualdade. Sempre há, na tentativa de equiparação, uma concessão limitada pelo fato de ser um estrangeiro. O mesmo motivo que faz abrir as portas é o que as fazem serem fechadas.

A hospitalidade apesar de não conseguir equiparar totalmente as diferenças, para alcançar a igualdade, permite um ambiente de convivialidade e de ‘paz’ e cria um ciclo que leva essa ‘paz’ não necessariamente para o que recebeu ou ao recebido, mas alcança outros, permitindo que o propósito de igualdade seja expandido. “Ela não elimina o conflito completamente, mas o coloca em suspensão e proíbe a sua expressão” (PITT-RIVERS, 2012, p. 513 tradução livre).

Como essa problemática do encontro hospitaleiro tem sido tratada nos estudos? Os primeiros escritos vêm da filosofia. Kant pode ser considerado o pioneiro. No século XX, filósofos como Louis Massignon, Edmond Jabès, René Scherer discutiram o tema, mas vem de Emmanuel Lévinas e Martin Buber a inspiração para o mote da hospitalidade incondicional de Jacques Derrida.

O tema chega à antropologia no final do século XX: na França com grupos de estudos liderados por Anne Gotman e Alain Montandon, no Reino Unido pelo grupo liderado por Conrad Lashley. O advento dos britânicos deve ser especialmente saudado por retomar os estudos anglo-saxônicos de gestão turístico-hoteleira numa perspectiva filosófica e antropológica.

E no Brasil? Em 2002, foi implantando o primeiro programa que traz a palavra hospitalidade no título pela Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo. Mais recentemente, 2014, a Universidade de Caxias do Sul optou por incorporar o termo ao título de um dos seus programas de pós-graduação.

Em congressos como os da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo (ANPTUR) e da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

Comunicação (INTERCOM) já existem grupos de trabalho voltados ao tema da hospitalidade.

Já existe, pois, uma produção que justifica um trabalho de mapeamento e análise das principais categorias abordadas. Esta é a proposta deste estudo. Primariamente, buscou-se sistematizar o conhecimento sobre hospitalidade, secundariamente, o estudo propôs-se a: a) analisar a produção científica dos pesquisadores; b) verificar a (s) abordagem (ns), modo de compreensão da hospitalidade em seus artigos de periódicos.

Seja para a produção internacional que serve de pano de fundo, seja para a produção nacional aqui mapeada, este estudo trabalha dentro da premissa de que os estudos atuais de hospitalidade podem ser divididos em três grupos: senso comum, mercadológico e sociais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

As três categorias senso comum, mercadológico e social foram estabelecidas a partir do referencial teórico apresentado a seguir:

a) No senso comum: neste caso, a introdução do termo tem mais a ver com o seu prestígio atual. Não há preocupação em se entender a nuances do termo. Corresponde a trabalhos sem conceituação sobre hospitalidade ou que a define por meio de dicionários e pelo conhecimento popular.

A palavra hospitalidade no Dicionário Online de Português (2015) explica que significa a ação de hospedar (hospedagem) e característica da pessoa que acolhe com gentileza (hospitaleira), observa-se que tem por sinônimo os termos acolhimento e hospedagem e como antônimo a inospitalidade, ou seja, aquele que não faz a acolhida com gentileza.

Já no Dicionário Informal de Português (2015) a definição corresponde ao ato de hospedar; hospedagem; qualidade de hospitaleiro; bom acolhimento; amor aos estranhos; filoxenia. Há maior abrangência de significados, pois apresenta também amor ao estrangeiro, ou seja, cuidar daquele que não é conhecido. Como sinônimos tem-se o acolhimento, a recepção, a acolhida, a boas-vindas, a aceitação, o agasalho, o asilo, a hospitalidade, o recebimento, a hospedagem, a aposentação, a aposentadoria, a hospedaria, a pousada, o albergamento, a cortesia e a cordialidade.

Nas definições apresentadas nos dicionários é possível identificar algumas limitações na compreensão do termo, pois a hospitalidade está direcionada somente ao anfitrião, o senso comum não considera a característica hospitaleira ou não do hóspede. A hospitalidade acontece dentro de uma relação interpessoal, portanto diz respeito a ambos os personagens.

Werner (2014) comenta que em grego e em francês esta realidade está em primeiro plano, no grego *xenos* carrega simultaneamente o significado de anfitrião, hóspede e estrangeiro e no francês *hôte* também ao mesmo tempo designa quem recebe e quem é recebido.

Outro ponto é o de que nos dicionários os significados estão normalmente centrados no acolhimento e na hospedagem, apesar da acolhida ser condição da hospitalidade e a hospedagem uma possibilidade de sua prática, a hospitalidade envolve também a oferta de alimento e o anfitrião carrega consigo a obrigação de entreter seu hóspede.

Há autores que discutem o tema por meio dos conceitos apresentados no senso comum como Giussani (2006) que aborda a acolhida no meio cristão relacionado a família, adoção e guarda de crianças, adolescentes e jovens. Outro a ser citado é Rodrigues (2013) que discute sobre o estatuto e identidade feminina, Oliveira (2012) estuda as relações profissionais de bastidores, artistas e espectador nas casas de espetáculos.

Sobre o reconhecimento sob a hospitalidade cosmopolita e a responsabilidade ética temos Cantinho, Barcelos e Marcos (2015). Kops (2014) afirma que a hospitalidade permite transformar uma marca pessoal ou coletiva.

Aqui também se enquadra os guias de Nova (2011), em sua obra há uma releitura e análise de dois guias turísticos da cidade de São Paulo elaborados em épocas diferentes. Por fim, Ramos (2004) estuda as experiências e expectativas de brasileiros que foram para Toronto (Canadá) em busca do sentido da hospitalidade.

b) Como ingrediente da operação mercadológica: as áreas do mercado que se ocupam do contato com o consumidor, notadamente no turismo, estão entre as primeiras a lançarem mão do termo. Este funciona como um atestado de nobreza ou, como diz Gotman, “tentativa ingênua e ideologicamente comprometida de camuflar o apelo mercadológico de venda de algo” (2008, p. 117).

No dicionário de Administração e Turismo o conceito de hospitalidade engloba um modelo mental para acolhimento caracterizada por representações daquela sociedade sobre como receber, acolher e incluir; menciona a hospitalidade comercial como instituição aquelas relacionadas à hospitalidade desenvolvida pela sociedade tendo por objetivo atuar em relações mercantis e profissionais, por exemplo: restaurantes, eventos, feiras, parques temáticos, hotéis etc. (SHIGUNOV NETO; DENCKER; CAMPOS; 2006).

Mas há obras que tratam do assunto, Tanke (2014) faz sua abordagem estudando a gerência de recursos humanos de companhias hoteleiras, Powers e Barrows (2004) tratam de temas operacionais e da função da administração de serviços nos meios de hospedagem.

Paim (2014) trabalha tópicos referentes a custos, orçamento, planejamento, previsão de vendas em diversos serviços, por exemplo, eventos, hotelaria e saúde. Chon e Sparrowe (2003; 2014) estudam o universo da hospedagem, dos alimentos e bebidas, de eventos e de turismo, explorando o mercado e a hotelaria no passado e presente.

Morrison (2011) fala do marketing voltado para a hospitalidade e o turismo. Lockwood e Medlik (2003) discutem sobre o trabalho e o lazer, os padrões de vida da população mundial e o fluxo do turismo internacional de cada continente.

Walker (2002) aborda a questão das viagens e turismo, meios de hospedagem, alimentos & bebidas, eventos, convenções e exposições, lazer e recreação etc., bem como marketing, recursos humanos, liderança e gerenciamento e suas aplicações no campo da hospitalidade.

Também há autores nacionais a serem citados nesse segmento, Castelli (2009 e 2010) fala da necessidade de profissionais que contribuam para a hotelaria ser referência em hospitalidade e discute a inovação na gestão das organizações prestadoras de serviços, suas tendências e mudanças da hotelaria.

Furtado e Vieira (2011) apresentam os cenários e a conjuntura geral do turismo e a ênfase em receber e acolher nas diversas áreas do mercado. Já Furtado e Sogayar (2009) tratam da aplicação da cultura na gestão, treinamentos e formação profissional na área, tecnologia e a economia em hospitalidade.

O setor comercial instrumentalizou a noção de hospitalidade, a ponto de, como disse Gotman (2008), transformar-se em quase sinônimo de turismo. Esta associação entre os

termos hospitalidade, turismo, hotelaria acontece porque em inglês não há um termo específico para hotelaria (usa-se o termo *hospitality*).

Um grupo relevante a ser comentado é o grupo britânico reunido por Conrad Lashley, seus estudos de hospitalidade em meios comerciais recorrem a conceitos antropológicos, fazem parte Burgess (1982), Cassee (1984), Heal (1990), Telfer (1996) e Visser (1991) sendo esses dois últimos de raízes filosóficas e cultural.

Entendem que a definição de hospitalidade precisa ser ampla por envolver domínios: social, privado, comercial entendendo “que cada domínio representa um aspecto da oferta de hospitalidade, que é tanto independente como sobreposto” (LASHLEY, 2004, p. 5).

Sua preocupação é o setor comercial da hospitalidade e que para entendê-la é preciso saber que o fundamento no relacionamento entre hóspede e anfitrião, de certa forma é apresentado e aprendido no privado. Lugosi (2014) analisa a complexa relação entre hospitalidade e organizações, reputa que a hospitalidade é articulada para o ambiente externo (indivíduos) com o uso de táticas e estratégias para encantar.

No Brasil, Wada (2002) busca ampliar o conceito além do campo da hotelaria e que a hospitalidade resgata valores antes esquecidos. Na esfera da oferta de serviços argumenta que pouco se sabe da demanda e da mão-de-obra para a hospitalidade no comercial – suas debilidades e fortalezas, como transformar certas ameaças em oportunidades (WADA, 2002, p. 70).

c) Como ingrediente das relações sociais em todos os campos: a hospitalidade, neste caso, constitui uma nova referência de análise não apenas para todos os tipos de encontro entre pessoas, como também, metaforicamente, para análise do espaço.

Os estudos sobre hospitalidade perpassam o campo da filosofia, teologia e ciências sociais, nos dois primeiros como virtude e no último por meio da dádiva. Lévinas é um dos filósofos que fala de alteridade esses estudos apoiaram outros estudos relacionados a hospitalidade, como o de Derrida (SIVERES; MELO; 2012).

Lévinas (1980; 2009) também apresenta uma reflexão sobre o olhar e o rosto e a diferença entre eles. O olhar domina e engloba, porém, o rosto é aberto e externo, compreende. O autor pensa alteridade pela perspectiva do rosto, porque o infinito que é o outro é externo e precisa ser compreendido e não dominado (olhar).

Com Jacques Derrida temos a noção de hospitalidade incondicional que é abrir as fronteiras, físicas e/ou psíquicas, considerando que o estrangeiro é um forasteiro, ou seja, ele não conhecerá o idioma, as regras de conduta da localidade ou grupo. Na hospitalidade incondicional, o anfitrião é o responsável pela adaptação e felicidade do que chega.

Outro ponto é o de que para Derrida (2003) a hospitalidade é ética, as leis da hospitalidade podem ser perversas, e mesmo na hospitalidade incondicional essas leis existem, não havendo forma de negá-las. René Scherer (2005), compreende que a hospitalidade está em todos os lugares e sua discussão trata dos povos nômades que acolhem mesmo não tendo infraestrutura e identifica que há uma interdependência com o outro (FERRAN, 2008, p. 193), a hospitalidade é o meio que representa a preocupação e sensibilização para com o outro.

Baptista (2012) define, apoiando seu pensamento em Lévinas, hospitalidade como uma forma de encontro interpessoal e que tem por atitude marcante o acolhimento. Entende que o outro é um ser desconhecido, carregado de mistérios interiores e que a maneira de se tentar descobri-los é por meio do contato.

O teólogo brasileiro Leonardo Boff (2005) fala da hospitalidade como princípio para um novo mundo possível. Para Boff (2011) hospitalidade é uma atitude e virtude fundamental em um mundo globalizado e com milhões de refugiados, portanto a hospitalidade representa a possibilidade de vida ou de morte dessas pessoas.

Boff (2011) faz uma crítica aos autores franceses que sugerem não se perguntar o nome e origem em nome de uma hospitalidade incondicional. Sim, deve se perguntar, porque as pessoas não são números e recebê-los sem se contaminar com preconceitos ligados ao nome ou país. Dialogar francamente, “entrar em reciprocidade e intercambiar” (BOFF, 2011, p. 232).

Nas ciências sociais e humanas pode-se citar Marcel Mauss que começa seu clássico Ensaio sobre a Dádiva (1925) com a seguinte pergunta: o que faz um presente recebido ser obrigatoriamente retribuído?

Estudando sociedades arcaicas, Mauss entende o mercado como um fenômeno humano “não alheio a nenhuma sociedade conhecida” (MAUSS, 1925, p. 188) e observa que mesmo com as diferenças de sociedade, essa força que leva a retribuição permanece na sociedade atual.

Verifica que as prestações e contraprestações não são apenas de bens e riquezas, mas, mais do que isso, trocam “amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente” (MAUSS, 1925, p. 191).

Essas prestações são voluntárias, mas de caráter oculto obrigatório, portanto não realizar pode resultar em conflitos ou guerras. A situação engloba a obrigação de dar e a de receber, pois a recusa de dar e/ou receber “equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão” (MAUSS, 1925, p. 202). Aqui se entende a importância e o dever de dar e/ou receber, para que a paz se estabeleça nos grupos.

“A dádiva não retribuída ainda torna inferior quem a aceitou, sobretudo quando é recebida sem espírito de reciprocidade” (MAUSS, 1925, p. 294). Usando a dádiva para apoiar os estudos de hospitalidade, Godbout (1999) explica que a dádiva está em todo lugar e que a dádiva não corresponde a atos separados ou descontínuos, mas estabelece relações por envolver o dar – receber – retribuir.

Uma relação sem retorno não é uma relação, e a dádiva contribui devido à retribuição, a recompensa, direta ou indiretamente. Ou seja, ao se recusar a dádiva, recusa-se a relação: isto é visto como grosseria, ofensa.

Caillé (2002) também apoia seus estudos na dádiva e apresenta três paradigmas, o primeiro é o individual, utilitarista; o segundo o holismo, coletivismo e o terceiro o dom. ressalta que a palavra dom passou por uma apropriação religiosa que a eterniza o espírito, mas para Mauss é um desafio de generosidade (agonístico = luta, combate) e não se resume à caridade cristã (caritas).

Dom pode ser de malefício ou benefício, porque é possível dar injúrias, palavrões, vinganças... Ou seja, “não somente amor ou amizade, mas também ódio e ressentimento” (CAILLÉ, 2002, p. 305). Por mais que o papel que o dom desempenha é o de ultrapassar a hostilidade, essa administração não elimina antagonismos.

Fala de uma quadruple do Dom com a inserção do pedir, “o pedido e o dom que o atende, a recepção do dom e a sua retribuição” (CAILLÉ, 2002, p. 304) e que não há um único sentido, direção, transformação do mau em bom, “... no âmbito do círculo do dar-receber-retribuir age sempre e do tomar-recusar-guardar” (CAILLÉ, 2002, p. 306).

Raffestin (1997) aborda hospitalidade por meio de uma reflexão sobre a criação das cidades. Com elas surge a hierarquização, alguém tem o poder sobre o espaço caracterizado cidade e este mesmo indivíduo é quem define as fronteiras. Esse limite estabelecido corresponde ao material (terras) e o imaterial (moral).

O outro, que é desconhecido, precisa ser interiorizado, convidado. Entrar sem permissão favorece conflitos que podem levar a morte. Essa autorização é controlada por meio de um rito, designado hospitalidade, que permitirá transpassar a(s) fronteira(s) sem violência. Para Raffestin, hospitalidade é a ponte entre mundos diferentes, desconhecidos.

Anne Gotman (2013) afirma que a hospitalidade não deixou de existir, apenas passou por mudanças em seus rituais. A hospitalidade busca a tentativa de igualar; todavia está intrínseca a desigualdade ao considerar suas regras.

Outro autor a ser citado é Alain Montandon, “a hospitalidade é uma maneira de se viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis” (MONTANDON, 2003, p. 132). Apoiado na teoria de Mauss, o autor afirma que “o que trocamos não são apenas bens de consumo, objetos uteis economicamente, mas gentilezas, festins, ritos, danças, festas” (MONTANDON, 2003, p.133). E que apesar da sociedade ocidental moderna ter herdado partes desses traços, ainda retribui os presentes, mesmo sem pensar/entender os costumes das antigas sociedades.

Normalmente, entre os anglo-saxões, o foco é com a hospitalidade no mercado, mas Julian Pitt-Rivers tem uma abordagem em seus estudos que se assemelha aos estudos da corrente francesa nas pesquisas sobre hospitalidade.

Na obra de Pitt-Rivers encontra-se em hospitalidade a ideia de igualdade, tentativa de equiparação entre hóspede e anfitrião. Todavia, essa equiparação não ocorre porque o anfitrião é quem dita às regras, prevalecendo a regra ‘imposta’ verbalmente ou não. A hospitalidade “não elimina o conflito completamente, mas o coloca em suspensão e proíbe a sua expressão” (PITT-RIVERS, 2012, p. 513 tradução livre).

Camargo e Bastos são brasileiros e podem ser citados neste contexto, Camargo (2015) entende a hospitalidade como um conceito que surge na intersecção de quatro conceitos: relação interpessoal, virtude, ritual e dádiva. As práticas sociais da hospitalidade podem acontecer nos tempos sociais e nos espaços sociais.

No primeiro enquadra-se o receber, o hospedar, o alimentar e o entreter e no segundo o espaço doméstico, o público, o comercial e o virtual. “A hospitalidade é interação de seres

humanos com seres humanos em tempos e espaços planejados para essa interação” (CAMARGO, 2004, p. 85).

A autora Bastos (2012) interpreta a relação de hospitalidade e patrimônio. O patrimônio envolve o material e o imaterial (ex. festas) devido a dinâmica cultural, o patrimônio é “portador da memória e da identidade” (BASTOS, 2012, p. 214), e passa a ser referência cultural para aquele grupo que a prática e/ou mantém.

Por meio dessa referência cultural é que a hospitalidade acontece criando relações e vínculos, na qual anfitrião e visitante se encontram, além da oferta de abrigo e alimentação. Na hospitalidade há tempo, interação entre os sujeitos e espaço que frequentemente estão carregados de histórias (patrimônio histórico-cultural), e o anfitrião escolhe espaços seguros, acessíveis, confortáveis, entre outros.

Esses espaços são identificados como lugares de hospitalidade por causa do desenvolvimento das práticas de hospitalidade, ganham esse “sentido na medida em que o anfitrião com ele compartilha suas experiências e o introduz no seu universo cultural” (BASTOS, 2012, p. 216).

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um levantamento bibliográfico e documental de ordem qualitativa, com a análise do conteúdo dos artigos publicados individualmente por doutores em periódicos científicos.

A pesquisa apoiou-se nas informações disponibilizadas na Plataforma Lattes, sendo interessante para o objetivo proposto porque trata-se de uma plataforma de currículos brasileira administrada pelo Conselho Federal de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Foram descartadas publicações de jornais e revistas não científicos (online ou impressa), o que resultou num total de 218 artigos.

Para localizar essas publicações foram utilizados sites de buscas online (Google e Google Acadêmico), portais de periódicos digitais, os sites das revistas, assim como bibliotecas e acervos de universidades, nos quais foram localizados artigos que não tinham versão digital.

Os estudos sob a forma de revisão bibliográfica são hoje essenciais às pesquisas, devido à sua característica de sumarização (MOREIRA, 2004). A revisão da literatura ultrapassa a ideia de reunião dos principais títulos. Trata-se de uma pesquisa aprofundada que permite uma visualização sucinta do conhecimento que vem sendo desenvolvido.

Pizzani et al (2012) mencionam três objetivos da revisão da literatura: proporcionar aprendizado, identificar métodos e técnicas e subsídio para introdução e redação da pesquisa. O artigo de revisão mostra-se uma fonte valiosa de referências bibliográficas porque identifica aquelas publicações mais importantes de um assunto em certo espaço e tempo, caracterizando um ensaio bibliográfico (FIGUEIREDO, 1990).

O pesquisador, basicamente, passa por duas fases. São elas: identificação e quantificação da produção apontando questões como ano, local, autor, instituições... Nessa fase também já se enxergam os períodos e evolução da produção. Na 2ª fase, analisa-se se é possível fazer esse inventário para responder “o que” e “como” e assim identificar metodologias e teorias, tendências e ênfases (FERREIRA, 2002).

Romanowski e Ens (2006) comentam que o grande volume de publicações em uma determinada área, no caso educação, geram questionamentos do tipo: quais os assuntos abordados? Quais os com maior predominância? E observam que faltam estudos que respondam a essas perguntas e acompanhem essa produção acadêmica.

É neste contexto que as pesquisas de estado da arte laboram, pois atuam para desvendar os resultados questionados e/ou imaginados. Este balanço contribui para as análises e definições na área estudada, investimentos e rupturas.

Estado da arte e estado do conhecimento são a mesma coisa? Romanowski e Ens (2006) explicam que no estado do conhecimento há a escolha de apenas um universo para pesquisa (exemplo: dissertações), além de permitir a presença do novo na apresentação dos resultados em um novo texto acadêmico ou científico (MOROSINI E FERNANDES, 2014).

Já o estado da arte contempla todo o tipo de publicação sobre o tema designado para estudo (teses, dissertações, periódicos, anais...). A escolha aqui incidiu sobre o estado do conhecimento, na medida em que são pesquisados apenas artigos registrados na Plataforma Lattes, publicados em periódicos científicos.

A análise de conteúdo também é aplicada neste estudo. Segundo Bardin (1977) a análise de conteúdo consiste num “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p.

31), faz-se útil para uma compreensão de significados de uma comunicação de modo não superficial, imediato. O objetivo da análise de conteúdo é ultrapassar incertezas e enriquecer a literatura, podendo ter uma função heurística (descobrir) ou de administração da prova (confirmar).

A escolha pelo estado do conhecimento e a análise de conteúdo favorece uma maior atenção ao material selecionado podendo revelar com mais facilidade os pontos para estudos futuros (MOZZATO E GRZYBOVSKI, 2011).

Por ser um momento de descoberta é preciso organizar o que se obteve de material, após esse momento inicial de reunir o conteúdo outros métodos podem ser aplicados, mas essa organização prévia e que favorece o aprofundamento gera confiança para se trabalhar os dados.

Sampaio e Lycarião (2018) explicam que a análise de conteúdo está alicerçada em validade, replicabilidade e confiabilidade. A validade está relacionada a adequação da categoria ao objetivo proposto no estudo, de modo a serem uteis e significativas para o trabalho a ser desenvolvido.

Portanto a validade está relacionada ao julgamento sobre a pertinência do instrumento e a confiabilidade está atrelada a estabilidade e precisão do instrumento utilizado para analisar a pesquisa (SAMPAIO E LYCARIÃO, 2018).

A confiabilidade ocorre quando outros pesquisadores chegam a resultados semelhantes, mesmo num contexto fora da pesquisa usada como parâmetro, então seria considerado o grau de flutuação, a constante das variações na mediação, também pode ser entendida como o quanto aquela comunidade confia em determinados documentos e textos. É preciso deixar claro que a confiabilidade não extingue a subjetividade daquele que codifica.

Já sobre a replicabilidade o objetivo é permitir que outros pesquisadores possam repetir a pesquisa em contextos diferentes, não garante a confiabilidade, todavia é uma condição que abre caminhos, possibilidade para isso. A replicabilidade só é possível acontecer se houver uma explicação minuciosa dos procedimentos realizados na pesquisa e acesso ao material codificado, total ou suficiente, para uma nova codificação.

Um dos desafios para a aplicação da Análise de Conteúdo é o de dominar os conceitos básicos da temática estudada para que consiga fazer as inferências, comenta

Mozzato e Grzybovski (2011), é necessário um olhar do sistema porque é necessário o contexto neste tipo de pesquisa, evitando a fragmentação.

Neste estudo, trabalhar-se-á com o estado do conhecimento e com a análise de conteúdo temática. A explicação metodológica será feita por meio da apresentação do método de seleção do material, a aplicação do estado do conhecimento e da análise de conteúdo.

O objetivo é, tendo como parâmetro as tendências das produções internacionais, efetuar uma análise da produção dos pesquisadores-doutores brasileiros sobre o tema. Quais são as ênfases temáticas? A hipótese foi que, embora haja um grande peso da produção na área da hospitalidade em meio comercial (inclusive turístico) prevalecem temas ligados ao campo sociocultural. E qual a noção de hospitalidade privilegiada? A do senso comum? A filosófica? A antropológica? A mercadológica? A hipótese é que a abordagem sociocultural na produção científica prevalece.

Logo, apresenta-se o número de pesquisadores e suas produções, tendo como fundamento para o desenvolvimento da pesquisa o estado do conhecimento e a análise do conteúdo considerando os artigos publicados em periódicos científicos pelos doutores (individualmente) e seus resumos.

A decisão de pesquisar somente doutores aconteceu por motivos operacionais. Embora se sabendo que a inclusão de mestres seria de grande utilidade, tal tarefa se mostrou inviável pelo número de autores (1206) obtidos por meio da Plataforma Lattes em busca de currículos.

A pesquisa, assim, obedeceu aos seguintes passos:

1. Levantamento da produção

O levantamento da produção internacional e das principais tendências da produção, além da produção nacional de professores doutores atuantes em hospitalidade. Por meio das obras desses autores foram definidas categorias, servindo então de referencial teórico, para verificar se os artigos científicos brasileiros se enquadram nas categorias formuladas.

2. Levantamento dos autores doutores-brasileiros que estudam hospitalidade

A identificação dos pesquisadores-doutores se deu por meio da base de dados Plataforma Lattes. O download dos currículos obtidos na Plataforma Lattes se deu em abril de 2014, tendo sido considerados apenas os doutores de nacionalidade brasileira que tinham em seu currículo a expressão hospitalidade (opção de filtro por assunto).

A amostra para esta pesquisa é composta por 640 currículos de pesquisadores-doutores obtidos por meio do seguinte processo: num primeiro momento o filtro resultou em 696 currículos de doutores que em algum momento citavam a palavra hospitalidade, sendo que três deles “sumiram” ou estavam duplicados na base no período em que foi feito o download (o site sofre atualizações constantes), o que resultou em uma amostra inicial de 693 doutores. Após a análise dos dados de cada currículo, 53 foram descartados por não mostrarem vínculo claro à hospitalidade (exemplo, nome de evento ou participação de banca cujo título do trabalho avaliado continha a expressão).

O download dos currículos selecionados para consulta off-line foi feito a fim de facilitar as localizações da palavra hospitalidade e preservar os dados para verificação. Os dados de cada pesquisador foram registrados em uma planilha Excel, considerando os seguintes campos: nome do doutor (completo); cargo/função profissional exercida indicada no currículo como atual e a instituição; curso de doutorado; curso de mestrado; curso de graduação (apenas o primeiro, no caso de haver vários); título da dissertação; título dos artigos em periódicos; título dos livros (autoria ou organização); título dos capítulos de livros; título dos trabalhos em anais de eventos; título da tese (com e sem a palavra hospitalidade); outras produções (participação em bancas, entrevista etc.).

Os dados referentes às publicações e outras produções restringiram-se somente às que continham o vocábulo hospitalidade no título da obra, exceto as teses. Tem-se ciência de que esse critério descarta documentos que contemplam hospitalidade, visto que nem sempre ele é contemplado no título, embora seja fundamento teórico da análise do estudo realizado.

Sobre a produção textual, os 640 pesquisadores produziram 218 artigos em periódicos, 119 livros e/ou capítulos de livros, 16 teses, 10 dissertações e 306 artigos e/ou resumos em anais de eventos contendo a palavra hospitalidade no título da obra.

3. Definição do universo de análise

Para este estudo, optou-se por analisar os artigos publicados em periódicos científicos com autoria individual por se tratar, em geral, de pesquisas recentes e que permitem identificar os principais temas abordados no campo da hospitalidade. Portanto, houve a necessidade de verificar se os artigos obtidos eram científicos.

Para localizar essas publicações foram utilizados sites de buscas online (Google e Google Acadêmico), portais de periódicos digitais, os sites das revistas, assim como bibliotecas e acervos de universidades, nos quais foram localizados artigos que não tinham versão digital. No site de busca, as pesquisas foram feitas usando-se o título da obra ou o nome da fonte de publicação. Nos sites das revistas científicas, a pesquisa era feita por ano de publicação, já que muitas referências bibliográficas não continham o volume.

Todos os artigos encontrados foram arquivados digitalmente para facilitar o acesso e a organização da pesquisa. Criou-se também outra planilha em Excel com as seguintes informações: nome do pesquisador; sexo; título do artigo; artigos científicos; artigos não científicos; resumo do artigo; endereço eletrônico em que consta o artigo ou resumo (alguns foram localizados somente o resumo do artigo); download (sim ou não); categoria, esta última preenchida após leitura.

Uma das dificuldades enfrentadas durante a busca pelos resumos/artigos foi o fato de não se localizar alguns desses, o que dificultou – e muitas vezes não permitiu – a classificação da publicação, em científicas ou não. Um motivo identificado para a não localização decorre do fato de que algumas publicações foram somente impressas e/ou ainda não foram digitalizadas.

Outra dificuldade relevante foram os erros de preenchimento das obras no currículo Lattes pelos autores, que colocaram o título do artigo diferente do que foi publicado e/ou informaram nome de revista errado. Nestes casos, considerou-se o título localizado, porque as outras informações eram similares (volume, número, título) ao descrito no currículo Lattes.

Neste estudo, a análise é feita pela composição de 41 artigos de autoria individual de um universo de 218 artigos identificados (continham autoria individual, em dupla ou em grupo). Chegou-se a esse número por meio do seguinte processo: dos 218 artigos, apenas 110 podem ser considerados aptos (científicos), mas contem publicação em dupla ou grupo; porque 27 artigos localizados não são científicos, 35 artigos não foram localizados, mas, pela fonte de publicação, foram considerados não científicos, 17 artigos não foram localizados, mas por meio da referência bibliográfica puderam ser considerados científicos – sem possibilidade de analisá-los; 9 não contem a palavra hospitalidade no título, mas sim na referência ao citar o nome da revista em que foi publicado e 1 artigo foi desconsiderado

porque não tratava de hospitalidade, mas apareceu no filtro porque o nome do bairro se chama hospitalidade, logo não foi incorporado à pesquisa.

Também foram encontrados 20 artigos repetidos (os dois ou mais autores fazem parte da lista). Logo, isso acarretou duplicidade em alguns artigos já que ambos os autores constavam na lista obtida por meio da peneira na Plataforma Lattes, tais artigos foram contabilizados apenas uma única vez no universo nos artigos classificados como científicos.

A análise desta produção se deu dentro das três categorias estabelecidas: a) aquelas que usam hospitalidade no sentido próximo ao senso comum; b) hospitalidade vista como aspecto instrumental de gestão e negócios; c) hospitalidade como referencial teórico de análise de diferentes aspectos socioculturais.

4. Análise do material selecionado foi examinada por intermédio do estado do conhecimento mediante a leitura e síntese dos artigos científicos, a qual responderá questões pré-definidas. As questões centrais para a análise de conteúdo, de forma consentânea com as categorias selecionadas:

- A hospitalidade é uma questão central no artigo?
- Como o autor relaciona seu objeto com o conceito de hospitalidade?
- Que resultados apresentam e qual sua contribuição para a área?
- Em quais autores de hospitalidade o referencial teórico se apoia?

Ao responder essas questões foi possível identificar a categoria em que o artigo se enquadra, devido à identificação da linha e fundamentação utilizada pelo autor, ou seja, pelos autores citados e/ou pelo contexto de discussão apresentado.

Já a quarta pergunta (em quais autores de hospitalidade o referencial teórico se apoia?), é respondida posteriormente, por meio da apresentação dos autores utilizados por esses pesquisadores em suas obras e a frequência de aparecimento. Por questões estratégicas, abaixo será apresentado o resultado por meio de uma lista contendo autor e ano, para ler na íntegra o texto desenvolvido para cada artigo verifique Marcelino (2016, pp. 62–71).

5. Análise de conteúdo temática: considerando suas três etapas, o estudo foi realizado da seguinte forma:

- a) pré-análise: levantamento e leitura dos resumos dos artigos científicos;

b) exploração do material: identificação de palavras que remetem à hospitalidade em si ou a algum conceito subjacente, como relação interpessoal, virtude, rito e troca (CAMARGO, 2015);

c) tratamento dos resultados, segundo a categorização proposta.

4. RESULTADOS

Neste item é desenvolvida a análise dos 41 artigos selecionados considerando o estado do conhecimento e a análise de conteúdo, dentro da categorização proposta.

a) Senso Comum: nesta categoria foram enquadrados os artigos com as seguintes características: tratam da hospitalidade na academia (cursos de graduação e mestrado) apresentando dados, sugestões para sua abordagem e as implicações que um curso com essa terminologia acarreta em contraponto a hotelaria e afins; não deixa claro o significado, conceito e/ou referencial teórico sobre hospitalidade, levando a uma discussão nebulosa; uso do dicionário ou conhecimento popular para definir e discorrer sobre hospitalidade. Peres (1997), Souza (2010) e Souza (2010), Camargo (2008), Camargo (2002), Bastos (2005), Bastos (2008), Gastal (2005), Teixeira (2010), Casella (2006).

b) Sociocultural: nesta categoria se enquadram estudos que entendem que a essência da hospitalidade é a relação entre as pessoas nos diversos contextos, religioso, social, familiar, profissional, lazer e outros, e que não haja uma preocupação direta ou indireta com o cenário econômico. Dencker (2013), Souza (2013), Souza (2010), Lang (2004), Lang (2005), Dias (2010), Kops (2010), Gomes (2002), Silva (2004), Grinover (2005), Grinover (2006), Grinover (2009), Camargo (2006), Ferran (2008), Porto (2006), Souza (2012), Bastos (2004), Bastos (2006), Almeida (2012 e 2012), Barreira (2004), Matos (2008), Praxedes (2004), Fausto (2012).

c) Gestão/Negócios: a categoria Gestão/Negócios apresenta artigos que tratam da hospitalidade no ambiente corporativo, seja objetivando o lucro ou não, dentro ou fora da organização. Catalão Jr. (2005), Souza (2010), Tomazzoni (2012), Câmara (2005), Silva (2013), Dias (2006), Fagundes (2009).

A análise de conteúdo foi aplicada nos resumos dos 41 artigos, por meio da seleção de palavras relacionadas, que remetem ou incorporam o contexto da hospitalidade e que

de algum modo revelam, por meio do resumo do artigo, o referencial teórico apresentado no capítulo 2.

As palavras escolhidas foram as que em sua individualidade lembram e/ou relacionam-se as práticas de hospitalidade. A palavra hospitalidade só foi selecionada quando agregada a outra, ampliando seu sentido.

Tabela 1 Categorização por meio de palavras retiradas do resumo dos artigos

Autor	Palavras capturadas do resumo	Categorização
Dencker (2013)	Interação; comunicação; relações; hospitalidade incondicional; diálogo; tolerância; hospitalidade condicional.	Sociocultural
Catalão Jr. (2005)	Retribuição; dom; comunicação; contato; etiqueta; serviço.	Sociocultural
Souza (2013)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Souza (2010)	Hospitalidade canibal	Sociocultural e/ou Negócios e/ou senso comum
Lang (2004)	Sacrifício	Sociocultural
Dias (2006)	Hotelaria; hospitalidade graciosa; hospitalidade comercial; hotéis;	Negócios
Dias (2010)	Immigrants; tolerant	Sociocultural
Lang (2005)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Souza (2010)	Relação; hospitaleiras; hospitalidade comercial; solidária.	Negócios
Kops (2010)	Relação; hospitaleiras; convivência.	Sociocultural
Tomazzoni (2012)	Interações; laços; afetivos; vivências; acolhimento; anfitriões; visitantes.	Sociocultural
Peres (1997)	Immigration; entrance	Sociocultural
Fagundes (2009)	Hotel; hospitalidade comercial; acolher; serviço; relações.	Negócios
Teixeira (2010)	Diálogo; conversação; alteridade	Sociocultural
Almeida (2012)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Almeida (2012)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Barreira (2004)	Imigrado; visita; aceitação; acolhimento; estrangeiro.	Sociocultural
Souza (2010)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Souza (2010)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Gomes (2002)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Câmara (2005)	Serviços; encontros; interação; hospitalidade profissional.	Negócios
Casella (2006)	Acolhimento; laços; hospitaleira; visitantes; hospitalidade municipal.	Sociocultural
Silva (2004)	Hospitalidade grega	Sociocultural
Grinover (2005)	Dom	Sociocultural
Grinover (2009)	Identidade	Sociocultural
Grinover (2006)	Hospitaleira; identidade; acolhida; inclusão.	Sociocultural
Camargo (2006)	Dom; receptivo; serviço; invasores; sacrifício; visitantes.	Sociocultural
Ferran (2008)	Não há resumo	Inidentificável neste método

Porto (2006)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Matos (2008)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Souza (2012)	Não há resumo	Identificável neste método
Silva (2013)	Identidade; viagem; interações; hospitaleiros; comportamento;	Sociocultural
Bastos (2004)	Imigração; interação; visitante; acomodação.	Sociocultural
Bastos (2006)	Identidade; encontros	Sociocultural
Bastos (2005)	Hospedagem; serviços	Negócios
Bastos (2008)	Hospedagem; hotelaria	Negócios
Gastal (2005)	Comunicação	Senso Comum
Praxedes (2004)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Fausto (2012)	Relationship; visitation	Sociocultural
Camargo (2008)	Dádiva; hotéis; receptivo; ética.	Sociocultural e/ou Negócios
Camargo (2002)	Hotelaria; comunicação	Sociocultural e/ou Negócios

Fonte: Os autores.

As palavras retiradas dos resumos para aplicação do método análise de conteúdo também estão representadas na figura 3, que se refere a uma nuvem de palavras. Ao observar a nuvem nota-se que a palavra ‘hospitalidade’ ganha destaque, mesmo sendo uma palavra que foi selecionada somente nos casos que havia complemento, por exemplo: hospitalidade comercial.

As palavras ‘comunicação’, ‘hospitaleira’, ‘identidade’, ‘serviços’ e ‘visitantes’ também ganham certo destaque, podendo-se interpretar que as pesquisas seguem caminhos mais abrangentes que o universo do Turismo.



Figura 1 Nuvem de Palavras – Palavras retiradas dos resumos dos artigos
(<https://wordart.com/create>)

Portanto, a análise por meio do estado do conhecimento revelou os seguintes resultados: 10 artigos na categoria senso comum, 7 em negócios e 24 na sociocultural. A categoria sociocultural representa mais da metade dos artigos analisados, este fato pode se justificar pela abrangência de temas e áreas que podem ser desenvolvidas nesta categoria.

O resultado obtido pela análise de conteúdo aplicada nos resumos foi a seguinte: na categorização Negócios 6 artigos prevalecendo as expressões ‘hospitalidade comercial’, ‘hotelaria’ e ‘hotel (is)’. Apenas o artigo de Gastal (2005) foi considerado senso comum, pois com a palavra ‘comunicação’, apesar de permitir relacionar a hospitalidade, fica generalista. Foram definidos como sociocultural 19 artigos representado 66% dos artigos com resumo.

Dois artigos, por essa análise, podem se enquadrar tanto em Negócios como em Sociocultural – Camargo (2002, 2008). Outro com resultado dúbio é Souza (2010), pois como não há uma definição de hospitalidade canibal pelos autores no capítulo 2, optou-se por não classificar como senso comum, apenas, porque é possível observar que a terminologia apresentada expressa a ideia de destruição do outro, que também está intrínseco na hospitalidade (hostilidade) conforme apresenta Benveniste (1995).

A análise dos artigos por meio do estado do conhecimento e da análise de conteúdo resultou categorizações diferentes para uma parcela dos artigos. Ou seja, analisar um periódico científico considerando somente palavras que remetem ao contexto da hospitalidade no resumo pode levar a ‘definições precipitadas, por exemplo, ao ler o artigo de Catalão Jr. (2005) é evidente que seu estudo contempla a área de negócios, mas ao considerar as palavras em seu resumo, chega-se a um resultado oposto. Outro aspecto que dificulta a análise de conteúdo por meio dos resumos é a sua falta em 12 dos artigos.

Tabela 2 Quantidade de artigos por categoria x ano x método

Ano	Estado do Conhecimento (Leitura Integral do Artigo)			Análise de Conteúdo (Leitura do Resumo do Artigo)				
	Senso Comum	Sociocultural	Negócios	Senso Comum	Sociocultural	Negócios	Não identificável	Dúbio
1997	1				1			
2002	1	1					1	1
2004		5			4		1	
2005	2	2	2	1	2	2	1	

2006	1	4	1		4	1	1	
2008	2	2				1	2	1
2009		1	1		1	1		
2010	3	3	1		3	1	2	1
2012		4	1		2		3	
2013		2	1		2		1	
Subtotal	10	24	7	1	19	6	12	3
Total		41				41		

Fonte: Os autores.

Na tabela 2, identifica-se que o total de artigos classificados nas três categorias pelos dois métodos propostos, sendo visível que os resultados sofrem uma variação considerável ao compará-los, por meio do estado do conhecimento mais artigos se enquadraram na categoria Senso Comum, mostrando a importância desse método, levando a resultados mais precisos já que uma leitura na íntegra permite considerar pontos que na análise de conteúdo não é possível, por exemplo, a maneira pela qual o autor conceitua hospitalidade.

A seguir a tabela mostra quais os autores relacionados ao estudo da hospitalidade são citados no corpo do texto dos artigos analisados, assim como a frequência com que aparecem.

Observa-se que os pesquisadores-doutores brasileiros utilizam de uma gama de autores nacionais e internacionais para fundamentar suas pesquisas, tendo como autores mais mencionados, em suas respectivas ordens de quantidade geral de aparecimento, Derrida, Lévinas e Camargo. Outros autores importantes, mas com uma representação moderada nos artigos estudados são: Caillé, Lashley e Morrison, Gotman, Montandon, Grinover, Mauss, Baptista, Scherer e Dias.

Tabela 3 Levantamento dos Autores Citados nos 41 Artigos Analisados

Autor/Ano da Obra	Quantidade e por Obra	Quantidade e Geral
Mauss (1974)	3	
Mauss (2002)	1	4
Caillé (1997)	1	
Caillé (1998)	1	
Caillé (1999)	1	6
Caillé (2002)	2	
Caillé (2003)	1	

Derrida (1972)	1	
Derrida (1997)	6	
Derrida (1999)	2	
Derrida (2000)	2	
Derrida (2001)	1	19
Derrida (2003)	2	
Derrida (2004)	2	
Derrida (2008)	2	
Derrida e Roinesco (2004)	1	
Camargo (1986)	1	
Camargo (1998)	1	
Camargo (2002)	1	
Camargo (2003)	1	9
Camargo (2004)	3	
Camargo (2005)	1	
Camargo (2007)	1	
Lashley e Morrison (2000)	2	
Lashley e Morrison (2004)	3	6
Lashley e Morrison (2005)	1	
Lévinas (1980)	2	
Lévinas (1982)	1	
Lévinas (1983)	1	
Lévinas (1990)	1	
Lévinas (1993)	2	
Lévinas (1996)	1	15
Lévinas (1997)	2	
Lévinas (2000)	1	
Lévinas (2003)	1	
Lévinas (2009)	1	
Lévinas (2011)	2	
Gotman (1989)	1	
Gotman (1997)	2	
Gotman (2001)	1	6
Gotman (2005)	1	
Gotman (2008)	1	
Baptista (2002)	1	
Baptista (2005)	2	4
Baptista (2007)	1	
Benveniste (1969)	1	
Benveniste (1995)	1	2
Godbout (1997)	1	3

Godbout (1999)	2	
Montandon (1999)	1	
Montandon (2003)	3	5
Montandon (2004)	1	
Dencker e Bueno (2003)	1	
Dencker (2004)	2	3
Castelli (2005)	2	2
Grinover (2002)	2	
Grinover (2004)	1	5
Grinover (2007)	2	
Wada (2003)	1	1
Massignon (1938)	1	
Massignon (1987)	1	2
Toffler (1985)	1	1
Raffestin (1997)	1	1
Rejowski (2002)	1	1
Dencker e Kunsch (1997)	1	1
Bastos (2005)	1	
Bastos e Fedrizzi (2007)	1	2
Fedrizzi (2008)	1	2
Scherer (1993)	2	
Scherer (1997)	1	4
Scherer (2005)	1	
Jabés (1991)	1	1
Telfer (2005)	1	1
Smith (1989)	1	1
Viard (2003)	1	1
Chon e Sparrowe (2003)	1	1
Selwyn (2005)	1	1
Andrews (2005)	1	1
Darke e Gurney (2005)	1	1
Lockwood e Jones (2005)	1	1
Botterill (2005)	1	1
Brotherton e Woods (2005)	1	1
Le Houerou (2007)	1	1
Barreto (2004)	1	1
Dias (2002)	1	
Gidra e Dias (2004)	1	4
Dias (2006)	2	
Abreu (2003)	1	1
Mullins (2004)	1	1
Cruz (2002)	1	1

Guerrier e Adid	1	1
King (1995)	1	1
De la Haba e Santamaría (2004)	1	1
Raymond (1997)	1	1
Roché (2000)	1	1
Pitt-Rivers (1977)	1	1
Total		130

Fonte: Os autores.

Smith, Barreto, Abreu, Mullins, King, De La Habla & Santamaría e Raymond foram destacados porque suas publicações não são específicas de hospitalidade, mas, de maneira indireta discutem o tema, mostrando que a temática pode ser discutida em diversos contextos que não tenham a hospitalidade como foco.

Observação, o autor e ano citado na tabela corresponde ao que os autores dos artigos científicos listados para o estudo indicaram em suas obras, portanto não foi feita a averiguação para identificar se as citações dos autores foram feitas corretamente, por exemplo, data da obra. Essa verificação não foi realizada, pois o objetivo da pesquisa era identificar os autores mais citados e não verificar se os estudiosos estão citando corretamente e/ou usando quais obras dos autores e obras recentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÕES

A hospitalidade pode ser estudada em diversos cenários e apresentar conceituações diferentes. A pesquisa revelou o expressivo número de produções sobre o tema, nacional e internacionalmente.

Também se têm os indícios do caminho das pesquisas brasileira em hospitalidade, indicando uma forte influência dos estudiosos Derrida, Lévinas e Camargo, e, no âmbito comercial, das pesquisas de Lashley e seu grupo.

Observa-se que, apesar de recente no Brasil, os estudos sobre hospitalidade conheceram um avanço significativo, bem como o entendimento de se buscar compreender hospitalidade por meio de autores de diferentes conceitos e regiões do mundo. Isso favorece a pesquisa, pois amplia a discussão e o universo de análise.

As considerações mais gerais dizem respeito ao universo dos temas permeáveis ao estudo da hospitalidade. “Não existe vínculo social nem cultura sem um princípio de

hospitalidade” (DERRIDA, 1997, s/i, tradução livre). Isso quer dizer que a totalidade dos tempos e lugares da hospitalidade são todos aqueles em que a cultura é produzida nos contextos interpessoais.

Todos os estudos já realizados sobre as relações interpessoais no contexto de disciplinas científicas puras ou aplicadas (e aqui a relação pode ser bem exaustiva) podem ser revisitadas sob o ponto de vista da hospitalidade. A diferença mais significativa esteja talvez em que o recurso ao conceito de hospitalidade significa uma preocupação adicional do pesquisador, o de buscar conhecer o resultado do encontro – se a presença do calor humano ou da inospitalidade, quando não da inospitalidade.

A análise das produções restringiu-se aqui à sua integração nas categorias propostas. Um importante trabalho que resta é identificar em que medida os pesquisadores brasileiros, tão respeitosos em relação aos teóricos estrangeiros, mostram caminhos originais para a pesquisa.

Isso se deve ao fato de que os pesquisadores brasileiros fazem uso dos estudos tanto dos anglo-saxões como dos francófonos, permitindo uma visão mais holística e integrada das vertentes de estudos, o resultado disso são as pesquisas que contemplam o mercado turístico, mas também que a hospitalidade é o estudo das relações entre as pessoas, portanto as pesquisas se ampliam para outros contextos, profissionais ou não, de mercado ou social, entre outros.

Essa postura de considerar obras de autores que trabalham diferentes conceitos e de diversas regiões do mundo, além da inglesa e da francesa, tem contribuído para um avanço significativo dos estudos, e com uma característica que começa a identificar as características dos textos brasileiros sobre hospitalidade, todavia um desafio aqui, para que mais pessoas tenham contato com nossa produção é a publicação internacional, na qual observam-se duas possíveis barreiras para transpor esse fato: o idioma e padrões das revistas internacional que ainda estão se abrindo para pesquisas que discutem hospitalidade sem se restringir a gestão e turismo.

Com efeito, nunca é demais lembrar que as abordagens mais ortodoxas do modelo de troca através da dádiva, como o de Marcel Mauss, parecem ignorar que pode existir hospitalidade genuína mesmo no comércio; e que mesmo se o encontro interpessoal acontece em diferentes tempos e espaços, a noção de hospitalidade é sempre a mesma.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. Z. Eu e a Obra: Hospitalidade e Escuro (uma traição a Lévinas e uma demanda para a crítica literária). **Fronteiraz** (São Paulo), v. 8, p. 1-11, 2012.
- ALMEIDA, G. Z. Eu e a Obra: Hospitalidade e Escuro. **Fronteiraz** (São Paulo), v. 09, p. 379-389, 2012.
- BAPTISTA, I. "Hospitalidade e eleição intersubjectiva: sobre o espírito que guarda os lugares". **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano V, n. 2, p. 5-14, jul./dez. 2008.
- BAPTISTA, I. "Educação e Políticas Sociais – valores, conceitos e práticas". **Laplage em Revista**, Sorocaba/UFSCar, v.1, n.1, 2012, p. 9-16.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.
- BARREIRA, I. A. F. Estado, Imigração e Direito de Hospitalidade. Fortaleza: **Revista de Ciências Sociais da UFC**. (Tradução/Artigo), 2004.
- BASTOS, S. R. A produção científica do Mestrado em Hospitalidade (2002-2008). **Revista Hospitalidade**, v. V, p. 127-139, 2008.
- BASTOS, S. R. Hospitalidade e história: imigrantes na cidade de São Paulo do século XIX. **Cadernos CERU** (USP), v. 15, p. 151-164, 2004.
- BASTOS, S. R. Produção acadêmica do Programa de Mestrado em Hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, v. 4, p. 99-106, 2006.
- BASTOS, S. R. Produção acadêmica do Programa de Mestrado em Hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, n.1, p. 90-95, 2005.
- BASTOS, S. R.; Nova, M. R. "Guias de viagem e de turismo da cidade de São Paulo (1924 e 1954): hospitalidade e patrimônio". **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 23, 2012, p. 509-526.
- BASTOS, S. R. Ativação do patrimônio nas práticas de hospitalidade. In: COSTA, E. B. da; BRUSADIN, L. B.; PIRES, M. C. (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. São Paulo: Outras Expressões, 2012, p. 213-219.
- BASTOS, S. REJOWSKI, M. Pesquisa Científica em Hospitalidade: Desafios em Busca de uma Configuração Teórica. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, V. XII, Edição Especial, Maio, p. 132 – 159, 2015.
- BENVENISTE, E. Hospitalidade. In: _____. O vocabulário das instituições indo-europeias. **Economia, parentesco, sociedade**. Campinas: UNICAMP, v.1, p. 87-101, 1995.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um Outro Mundo Possível: hospitalidade direito e dever de todos**. São Paulo: Vozes, 2005.
- BOFF, Leonardo. Atitudes e comportamentos de hospitalidade. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XIX, n. 36, p. 229-236, jan./jun. 2011.
- CAILLÉ, A. **Antropologia do Dom: o terceiro paradigma** (Trad. de Ephraim Ferreira Alves). Petrópolis: Vozes, 2002.
- CÂMARA, L. M. Os Limites do Gerencialismo Perante os Requisitos das Organizações de Hospitalidade. O&S. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 12, n.34, p. 103-119, 2005.
- CAMARGO, L. O. L. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. XII, n. especial, maio, p. 42-69, 2015.
- CAMARGO, L. O. L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.
- CAMARGO, L. O. L. A pesquisa em hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, v. V, p. 15-51, 2008.

- CAMARGO, L. O. L. Hospitalidade sem sacrifício? O caso do receptivo turístico. **Revista Hospitalidade**, v. Nº 2, p. 11 -28, 2006.
- CAMARGO, L. O. L. Turismo, hotelaria e hospitalidade. **Turismo em Análise** (Cessou em 2007. Cont. ISSN 1984- 4867 Revista Turismo em Análise), São Paulo, v. 13, n.1, p. 7-22, 2002.
- CAMARGO, L. O. L. Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. XII, n. especial, maio/2015, p. 42-69.
- CANTINHO, M. J.; BARCELOS, P.; MARCOS, M. L. (Orgs.). **Emmanuel Levinas: entre reconhecimento e hospitalidade**. São Paulo: Edições 70, 2015.
- CASELLA, L. L. C. Hospitalidade dos espaços públicos: possibilidades e dificuldade em torná-lo acolhedor. **Revista Hospitalidade**, v. 3, p. 35-45, 2006.
- CATALÃO JÚNIOR, A. H. A etiqueta no contexto do planejamento e gestão da hospitalidade turística. **Revista Hospitalidade**, v. 1, p. 11-22, 2005.
- CASTELLI, G. **Hospitalidade**. São Paulo: Saraiva, 2009.
- CASTELLI, G. Hospitalidade: a inovação na gestão das organizações prestações de serviços. São Paulo: Saraiva, 2010.
- CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr, 2014.
- CHON, K.; SPARROWE, R. T. **Hospitalidade: conceitos e aplicações**. 1ª edição. São Paulo: Thomson Pioneira, 2003.
- DENCKER, A. F. M. Hospitalidade e interação no mundo globalizado. **Rosa dos Ventos**, v. 5, p. 4-14, 2013.
- DERRIDA, J. Il N'Y A Pas De Culture Ni De Lien Social Sans un Príncipe D'Hospitalité. *Jornal Le Monde – Caderno Horizons-Entretiens* - 2.12, 1997.
- DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle Convida Jacques Derrida a falar de Hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.
- DIAS, C. M. M. Amenities & Facilities- Marcos da Hospitalidade na Cidade de São Paulo- fins do Século XIX e início do XXI. **Turismo em Análise**, v. 17, p. 170-189, 2006.
- DIAS, C. M. M. São Paulo- símbolos, identidade e hospitalidade. **Boletín del Instituto de Estudios Latino-Americanos de Kyoto**, v. 10, p. 1-26, 2010.
- DICIONÁRIO INFORMAL PORTUGUÊS – disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/hospitalidade/> acesso em 10/04/2015.
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS – disponível em: <http://www.dicio.com.br/hospitalidade/> acesso em 10/04/2015.
- DOMINGUES, C. M. **Dicionário Técnico de Turismo**. Portugal: Ed. Dom Quixote 1990.
- FAGUNDES, E. J. Hotelaria e hospitalidade: novos campos de expansão para a atuação do profissional de relações públicas. **Cambiassú** (UFMA), v. 01, p. 69-92, 2009.
- FAUSTO, C. The friend, the enemy, and the anthropologist: hostility and hospitality among the Parakanã (Amazonia, Brazil). **Journal of the Royal Anthropological Institute JCR**, v. 18, p. S196-S209, 2012.
- FERRAN, M. N. S. Cidades, cegueira e hospitalidade. **Lugar Comum** (UFRJ), v. no.25, p. 191-200, 2008.
- FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Revista Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, p. 257-272, agosto, 2002.
- FIGUEIREDO, N. Da importância dos artigos de revisão da literatura. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 23, n. 1/4, p. 131-135, jan./dez, 1990.

- FURTADO, S.; SOGAYAR, R. **Um relacionamento global de conhecimentos e atitudes**. São Paulo: LCTE, 2009.
- FURTADO, S.; VIEIRA, F. **Hospitalidade: turismo e estratégias segmentadas**. São Paulo: Cengage, 2011.
- GASTAL, S. A. Transposição didática no estudo da comunicação nos cursos de Turismo e Hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, p. 131-145, 2005.
- GIUSSANI, L. **O Milagre da Hospitalidade**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006.
- GODBOUT, J. A dádiva existe (ainda)? In: **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 11-29.
- GOMES, L. G. F. F. Comercio Étnico em Belleville: Memória, Hospitalidade e Conveniência. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 29, p. 187-207, 2002.
- GOTMAN, A. O Turismo e a encenação da hospitalidade. In: BUENO, M. L.; CAMARGO, L. O. L. **Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade**. São Paulo: SENAC, 2008.
- GOTMAN, A. Entrevista a Marie Raynal. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. X, n. 1, 2013, p. 146-157.
- GRINOVER, L. A Hospitalidade na Perspectiva do Espaço Urbano. **Revista Hospitalidade**, v. 6, p. 1-11, 2009.
- GRINOVER, L. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. **Revista Hospitalidade**, v. III, p. 29-50, 2006.
- GRINOVER, L. Hospitalidade no espaço urbano. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, p. 23-32, 2005.
- KOPS, D. Intervalo para a Hospitalidade: uma leitura pedagógica. **Gestão Universitária**, v. 1, p. 01-02, 2010.
- KOPS, D. **Intervalo para a Hospitalidade: uma leitura pedagógica**. Gestão Universitária, Brasília, v. 1, 2010, p. 01-02.
- LANG, C. E. A hospitalidade: as palavras nas palavras e notas para se continuar pensando a noção de acolhimento. **Correio da APOOA**, Porto Alegre, v. 139, n. set. p. 81-88, 2005.
- LANG, C. E. A tradição da hospitalidade, o sacrifício e a paternidade. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 3, p. 05-13, 2004.
- LASHLEY, C.; MARRISON, A. **Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado** (Trad. de Carlos David Szlak). Barueri: Manole, 2004.
- LASHLEY, C. Para um entendimento teórico. In.: LASHLEY, C.; MARRISON, A. **Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado** (Trad. Carlos David Szlak). Barueri: Manole, 2004, p. 1-24.
- LEVINAS, E. **Humanismo do outro homem**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LEVINAS, E. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- LOCKWOOD, A.; MEDLIK, A. **Turismo e Hospitalidade no Século XXI**. São Paulo: Manole, 2003.
- LUGOSI, P. Hospitality and Organizations: Enchantment, Entrenchment and Reconfiguration. **Hospitality & Society Journal**, Oxford/UK, 4(1), 2014, p. 75-92.
- MARCELINO, G. K. Estudos em hospitalidade e perfil dos pesquisadores-doutores brasileiros. 10/03/2016. 113 f. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade). Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2016.
- MATOS, O. C. F. Os Muitos e o UM: logos mestiço e hospitalidade". **Revista IDE: psicanálise e Cultura**, v. 31 (47), p. 8-15, 2008.

MAUSS, M. **O ensaio da dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1925.

MESSINA, G. Estudio sobre el estado da arte de la investigacion acerca de la formación docente en los noventa. **Revista IberoAmericana de Educación**, n. 19, enero/abril, 1999. Disponível em: <http://www.rieoei.org/oeivirt/rie19a04.htm>. Acesso em 19/10/2014.

MONTANDON, A. Hospitalidade ontem e hoje. In: DENCKER, A.F.M. e BUENO, M.S. (Orgs.) Hospitalidade: cenários e oportunidades. São Paulo: Pioneira- Thomson, 2003.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, W. Revisão de Literatura e Desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. **Revista Janus**, Lorena, ano 1, n. 1, 2º sem., 2004.

MORRISON, A. M. **Marketing de Hospitalidade e Turismo**. São Paulo: Cengage, 2011.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014.

MOZZATO, A. R.; GRYBOVSKI, D. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. **RAC**, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, Jul./Ago. 2011.

NOVA, M. R. **Viagem, Turismo e Hospitalidade**. São Paulo: Annablume, 2011.

OLIVEIRA, I. M. G. **Hospitalidade em shows de música**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

PAIM, W. M. **Custos e Orçamento em Serviços de Hospitalidade: uma visão operacional**. São Paulo: Erica, 2014.

PERES, E. P. Proverbial hospitalidade? A Revista de Imigração e Colonização e o discurso oficial sobre o imigrante (1945-1955). **Acervo** (Rio de Janeiro), v. 10, n2, p. 53-70, 1997.

PITT-RIVERS, J. The law of hospitality. **HAU: Journal of Ethnographic Theory** 2 (1), p. 501-517, 2012.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C.; BELLO, S. F.; HAYASHI, P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, v. 10, n. 1, p. 53-66, jul./dez., 2012.

PLATAFORMA LATTES – disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar> acesso abril a out/2014

PORTO, M. B. T. V. Poéticas da habitabilidade e da hospitalidade em textos de autoria feminina. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 6, p. 199-222, 2006.

POWERS, T.; BARROWS, C. W. **Administração no Setor de Hospitalidade**. São Paulo: Atlas, 2004.

PRAXEDES, W. L. A. Reflexões sociológicas sobre a hospitalidade. **Revista Turismo: dimensões e perspectivas**, v. 1, p. 13-19, 2004.

RAFFESTIN, C. Reinventar a hospitalidade. **Revista Communications**, Année 1997, n° 65, p. 165-177. Paris: Editions du Seul. Tradução: Prof. Marielys S. Bueno.

RAMOS, S. P. **Hospitalidade e Migrações Internacionais**. São Paulo: Aleph, 2004.

RODRIGUES, C. **Dois Palavras para o Feminino: hospitalidade e responsabilidade**. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R.T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set/dez., 2006.

SAMPAIO, R.; LYCARIÃO, D. Eu quero acreditar! Da importância, formas de uso e limites dos testes de confiabilidade na Análise de Conteúdo. **Rev. Sociol. Polit.**, v. 26, n. 66, p. 31-47, jun. 2018.

SCHÉRER, R. Zeus hospitalier. **Éloge de l'hospitalité**. Paris: Armand Colin, 1993. Réédition La Table ronde, 2005.

- SCOTT, J. W. O enigma da igualdade. Florianópolis: **Estudos Feministas**, jan/abr., v. 13, n. 1, p. 11 – 30, 2005.
- SHIGUNOV NETO, A.; DENCKER, A. F. M.; CAMPOS, L. M. F. **Dicionário de Administração e Turismo**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.
- SILVA, L. L. Héracles e Odisseu: dois pesos e duas medidas da hospitalidade grega. **Todas as Letras** (São Paulo. Impresso), v. 6, p. 19-24, 2004.
- SILVA, R. L. G. A hospitalidade sexual urbana na relação viajante-residente. **Revista Hospitalidade**, v. X. 2013.
- SÍVERES, L. A pedagogia da hospitalidade a partir da filosofia da alteridade em Levinas. **Conjectura: Filosofia e Educação** (UCS), Caxias do Sul, v. 17, 2012, p. 34-48.
- SIVERES, L.; MELO, P. G. R. A Pedagogia da Hospitalidade a partir da Filosofia da Alteridade de Lévinas. **Conjectura: Filosofia e Educação** (UCS), Caxias do Sul, v. 17, n. 3, set./dez. 2012, p. 34-48.
- SOUZA, C. C. M. A hospitalidade canibal em dogville. CineCachoeira - **Revista de Cinema da UFRB**, v. 5, 2013.
- SOUZA, C. C. M. A ironia do narrador e o drama trágico da hospitalidade canibal em Dogville, de Lars Von trier. **A Cor das Letras** (UEFS), v. 11, 2010.
- SOUZA, C. A. Responsabilidade Social Empresarial uma forma de Praticar Hospitalidade Comercial. **Revista Hospitalidade**, v. VII, p. 65-78, 2010.
- SOUZA, M. Diálogo entre o lazer e a hospitalidade no desenvolvimento rural: novas perspectivas. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 25, p. 9-31, 2014.
- SOUZA, R. T. Da Tolerância à Hospitalidade - Esboço de uma metamorfose ético-política. **Comunicações do ISER**, v. 31, p. 20-31, 2012.
- TANKE, M. L. Administração de Recursos Humanos em Hospitalidade. Rio Janeiro: SENAC Rio, 2014.
- TEIXEIRA, F. L. C. Louis Massignon: a hospitalidade dialogal. **Perspectiva Teológica** (Belo Horizonte), v. 42, p. 77-90, 2010.
- TOMAZZONI, E. L. Hospitalidade e Inovação do Natal Luz de Gramado (RS), pioneiro e único evento do gênero no Brasil. **Pasos** (El Sauzal), v. 10, p. 642-649, 2012.
- VERMELHO, S. C.; AREU, G. I. P. Estado da Arte da área de educação & comunicação em periódicos brasileiros. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1413-1434, set./dez., 2005.
- WADA, E. K. Reflexões de uma Aprendiz da Hospitalidade. In: DENCKER, A. F. M.; BUENO, M. S. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002, p. 61-72.
- WALKER, J. R. **Introdução a Hospitalidade**. São Paulo: Manole, 2002.
- WERNER, C. **Odisseia**. São Paulo: Cosac Naif, 2014.